

Cultura de aula centrada no aluno

Foco no aprendizado do aluno

Professores bem-sucedidos em salas de aulas tradicionais, geralmente sentem dificuldade em abandonar o controle e adotar atividades mais centradas no aluno, que são menos previsíveis e organizadas. “Por que mexer em time que está ganhando?” eles se questionam. Como alunos que resistem a atividades sem respostas certas e definitivas, os professores ocasionalmente têm dificuldade para lidar com a complexidade de uma sala de aula onde os alunos assumem o controle de seu aprendizado.

No entanto, para que os alunos aprendam as habilidades exigidas no século 21, como capacidade cognitiva de mais alta ordem, trabalho em equipe e solução de problemas, precisam participar de projetos complexos que se assemelham ao trabalho da vida real em disciplinas diferentes. Também devem receber informações contínuas sobre o progresso do seu aprendizado. Pesquisas indicam claramente o efeito positivo desse tipo de avaliação sobre o aprendizado do aluno (Black, et al., 1998).

Embora haja um bom motivo para se crer que o ensino centrado no aluno e a avaliação formativa sejam capazes de motivar os alunos a participar mais de seu aprendizado, o caminho para a autonomia geralmente não é fácil. “Os alunos que cresceram acostumados a serem observadores tácitos ou ‘espectadores sonolentos’ podem se ressentir porque terão de se esforçar mais, especialmente quando o papel de aprendizado passivo é a norma em outras matérias”. Uma professora do projeto de Black foi acusada de não fazer seu trabalho corretamente porque ela não notou quais alunos poderiam memorizar a matéria das provas.

Os professores também podem achar difícil abrir mão das práticas tradicionais. A avaliação formativa deixa de dar ênfase para as notas e passa a ressaltar o aprendizado. É solicitado aos alunos que definam metas e monitorem seu progresso. Eles são estimulados a ser criativos, assumir riscos e fazer perguntas. Em resumo, espera-se que eles se preocupem com o próprio aprendizado. Para alguns alunos e professores, esse é um grande passo.

As salas de aula tradicionais que se concentram na recompensa extrínseca oferecem poucas oportunidades para os alunos pensarem em si mesmos como aprendizes e não como meros alunos.

“Quando o foco da cultura da sala de aula é a recompensa, estrelas douradas, notas ou a classificação da turma, os pupilos buscam formas de conseguir a melhor nota em vez de tentar aprimorar seu aprendizado. Uma de suas conseqüências é que, quando podem escolher, eles evitam as tarefas difíceis. Além disso, os alunos gastam tempo e energia procurando pistas que levam à ‘resposta certa’. Na verdade, muitos relutam em fazer perguntas porque têm medo de errar” (Guskey, 2005 p. ?).

As notas não vão desaparecer da maioria das salas de aula, mas os professores podem trabalhar para minimizar sua importância, concentrando-se no valor intrínseco do aprendizado proporcionado por uma tarefa e pela auto-avaliação em vez de realizar tarefas que são facilmente contabilizadas e corrigidas.

Se os alunos estiverem dispostos a tomar a frente do próprio aprendizado, precisam de orientação e apoio em capacidades específicas, como colaboração, resolução de problemas e raciocínio crítico. Como os professores do estudo de Black, aqueles que empregam a avaliação formativa com eficiência precisam expandir seu modo de pensar sobre o aprendizado do aluno. Em vez de apresentar o conhecimento sobre um conteúdo, o objetivo do professor deve ser construir um ensino em torno de tarefas autênticas, com as quais os alunos possam praticar o trabalho com o novo conteúdo de maneiras que desafiam seu raciocínio e que os ajudem a desenvolver as habilidades de autonomia e colaboração exigidas no século 21.